

dei por mim, por ele, a fazer *snorkeling* e a ultrapassar os meus medos e as minhas fobias. Então, comecei a fazer umas aulas com o meu filho, e a sensação de estar na mesma onda com ele é espetacular.

Que conselho dás a quem vai mudar de cidade?

Para uma cidade grande ou para uma cidade pequena, o meu conselho é exatamente o mesmo! Humildade! Faz-nos ser bem recebidos, faz-nos aprender, e esse é o meu principal conselho. E não desistir, ser resiliente.

E em termos de mudar de profissão?

Quando sabemos o que é a nossa paixão, não desistir. Para as pessoas verdadeiramente apaixonadas e que sabem o que querem fazer, há sempre espaço.

Em termos de moda, o que é que achas que nos falta, a nós, portuguesas, e que a Parfois nos vai dar?

É um pouco subliminar. O que tentamos mostrar é uma mulher que se veste para si própria – e não para os homens nem para as outras mulheres. Qualquer mulher que entre na Parfois vai encontrar uma coisa de que goste, dos 8 aos 80, e o que queremos dar-lhe é a confiança de ela se sentir bem na sua própria pele. Não é uma questão de tendências, é uma questão de assumir e aceitar o que somos e tirar o melhor partido disso. www.parfois.com

PATRÍCIA VASCONCELOS

49 anos, dois filhos
Cantora e casting director

Houve uma altura na vida em que tiveste de mudar muito, aliás, quase tudo, na tua rotina diária e mensal. Podes descrever-me que situação foi essa?

O sector do audiovisual sofreu 'à séria' há uns dois, três anos. Deixou de haver apoios para o cinema, o que significa que automaticamente não tive trabalho, visto o meu trabalho ser fazer *castings* para cinema. Não há cinema, não há *castings*. De um dia para o outro, deixei de ter trabalho.

Foi nessa altura que resolveste dedicar-te mais à música, uma paixão que já tinhas?

Exatamente. Era uma paixão, uma atividade que fazia em paralelo, e pelo facto de ter este vazio de tempo que não ter trabalho me trouxe, comecei a pensar: o que é que vou fazer, o que é que o Universo está a querer dizer-me com isto? Porque acho sempre que há uns sinais, que na vida as coisas não acontecem por acaso...

Para crescermos? Para aprendermos algo?

Sim, mas às vezes bem podia ser menos doloroso! Quando te acontece assim uma coisa destas, que implica uma mudança nos teus hábitos de vida, é bom parar para pensar o que é que vais tirar disso, como é que vais crescer, o que é que é suposto aprenderes com isto. Foi um período duro, porque de repente passei a ter uma rotina completamente diferente, porque não tinha as mesmas coisas para fazer todos os dias, e, sobretudo, percebi que isto não ia mudar nos seis a oito meses seguintes, porque não se vislumbravam subsídios para o cinema. Isto fez-me parar para pensar: qual é o meu caminho



“Não estamos sozinhos. Temos tanta coisa à nossa volta que pode inspirar-nos e que não precisamos de pagar!”

de vida? Será que ando afastada dele? O que é que é aquilo que gosto de fazer sem esforço? Porque também há isso... Quando uma coisa destas te acontece, a primeira coisa em que pensas é na sobrevivência monetária, para que não falte nada aos teus filhos. De repente, pensas: “Tenho de arranjar um emprego e garantir que ao fim do mês entra xis.” Mas isso muitas vezes é em esforço, porque estás a desviar-te daquilo que, de facto, querias fazer... Estou a falar da minha visão e da minha forma de olhar para a vida, porque muitas pessoas podem não pensar desta forma. De repente, pensei: se quiser, amanhã arranjo um emprego, mas se calhar estou a desviar-me do meu caminho de vida. E aquilo que gosto mesmo de fazer – e, pelos vistos, nem devo fazer muito mal, porque o telefone continua a tocar para fazer concertos – é cantar. Decidi: vou dedicar-me mais à música. Quanto mais tempo tens, melhor podes trabalhar a tua música. Como tempo era uma coisa que eu tinha, comecei a estudar mais, a trabalhar mais as músicas, a escolher o repertório, a pensar no que queria fazer, com quem... É toda uma aprendizagem, porque tens de gerir o teu próprio tempo e ser muito disciplinada, focada, para não dispersar.

Concretamente, nesta fase mais difícil, que mudanças é que fizeste na tua vida? Em termos muito práticos...

A primeira coisa que fiz foi olhar para a lista de despesas mensais e ver onde podia cortar. Posso viver sem?... Arranjar tarifas mais baratas para TV cabo, telefone, eletricidade, seguros de saúde e outros, passar para uma outra gama de carro... Tudo. Grão a grão, fui analisando as faturas todas. É inacreditável o quanto se pode poupar! Custou beber o café aqui, mas a 20 metros é mais barato e tão bom... Pintava o cabelo no cabeleireiro de 15 em 15 dias e comecei a ver alternativas para pintar em casa. Fiz toda uma lista de coisas que nesta fase não eram tão importantes e nas quais podia cortar! Fiz outra com o dinheiro do que não pode nunca faltar, compras de supermercado, casa, gás, eletricidade e água. Estes eram os bens essenciais. Passei a arranjar tudo o resto de outras formas, divertidas. Por exemplo, a manicura virou um jogo com a minha filha, passámos a fazer uma brincadeira as duas. Uma das coisas que muito me ajudaram foi olhar para o lado e ver que havia pessoas em situações muito piores do que eu. Ajudou-me imenso olhar para o lado e pensar que sou uma pessoa privilegiada, porque tenho dois filhos carregados de saúde e eu própria tenho saúde. Isso, de repente, também me fez renascer. Percebendo que tinha esta capacidade de cantar, apostei nela.

Encaraste isto tudo de uma forma muito positiva. Como é que se faz isto, como é que se transforma o negativo em positivo? Não deve ser fácil...

Não, mas nos momentos em que chorava, havia um orgulho, um sentido de responsabilidade. Quando se é adulta e mãe de filhos, há um momento em que sentimos uma espécie de solidão, por mais que tenhamos família e amigos. É uma responsabilidade tua, é um momento teu. Deixava fluir esses momentos de solidão, momentos meus. Não solidão de estar sozinha...

Um momento individual?

Sim, se quiseres. Era então que, de repente, pensava: “Mas, Patrícia, ali ao lado há uma senhora com uma criança de 15 anos numa cadeira de rodas, aquele vive na rua porque a vida o levou por caminhos dos quais não consegue sair, o outro nem sequer tem o privilégio de ter gargalhadas ao final da tarde com os filhos bem-dispostos. Todas estas pequeninhas coisas me fizeram começar a reagir. Sempre fui muito positiva, não nasci com o *chip* da negatividade, olho sempre para o *bright side of life*... Contento-me com pouco. Só o facto de poder usufruir da Natureza me deixa feliz, por exemplo.

As coisas mais simples e próximas, a família e os amigos, deixam-te feliz?

Deixam, deixam. Sou muito grata à vida, mesmo muito. À vida, à sabedoria, à partilha. Não estamos sozinhos. Temos tanta coisa à nossa volta que pode inspirar-nos e que não precisamos de pagar! Descobri isso nesta fase. Dei mais valor nesta fase, porque isso estava um pouco adormecido. Sinceramente, ao enfrentar as coisas desta forma, sinto-me mais completa e até mais realizada. Dou muito mais valor a coisas às quais antigamente não dava.

Estás uma mulher mais forte, agora?

Sem qualquer sombra de dúvida! Sinto-me bastante mais serena, mais sábia, leio os sinais de outra forma, estou sempre muito mais atenta. Estou mais preparada para passar por certas coisas na vida, pelas quais espero nunca mais ter de passar. Encaro as coisas de outra forma. Aprendi a dar valor ao dinheiro. O meu pai tem uma frase muito engraçada: “Não ligo nenhuma ao dinheiro e ele paga-me na mesma moeda.” É uma boa frase... O dinheiro deve ser tratado com respeito, cuidado, arrumado num porta-moedas, as notas direitinhas, não é para andar uma nota para cada lado da carteira...

Quando só tens €15, tens de saber exatamente onde eles estão...

Exatamente! Toda a vida fui muito independente e nunca tinha tido falta de dinheiro, mas acho que nunca o respeitei. Hoje, acho que temos de saber respeitar o dinheiro e gastá-lo com cabeça, e isso aprendi. Tarde, mas ainda fui a tempo [risos].

Dizem os marketeers que muitas vezes as ideias mais originais surgem nas alturas mais difíceis, e foi nesta altura que te surgiu a ideia dos concertos privados...

Pensei: “Não sou uma cantora de massas, de auditórios, de festivais. Do que gosto é de cantar para pouca gente, para um nicho de pessoas. Como adoro cozinhar e receber, pensei em como é que havia de juntar estas três paixões numa só. Gosto muito do ato de amor de cozinhar algo para alguém comer e ver a pessoa gostar daquilo que cozinhei. Adoro receber, adoro pôr a mesa, escolher os pratos, os talheres, o copo, o guardanapo... é um ritual. Foi a minha mãe que me passou isso. Então, criei o conceito chamado Música no Salão, escolhi casas onde possa partilhar esta ideia, cozinhar nessas casas, receber no máximo 50 pessoas e cantar. Assim fiz. Os primeiros, no mês de junho, correram lindamente. Em setembro, temos em Lisboa. Em outubro, vamos para o Porto e para o Douro, lançamos o disco em Lisboa... Estou muito contente e satisfeita com o que a vida me tem ensinado.

O balanço é positivo?

Absolutamente! Mais uma vez, sou grata à vida e foi graças a isto que as ideias surgiram.

Fala-me do teu disco...

É tirado das gravações ao vivo de três concertos da Música no Salão. As pessoas votaram nas músicas de que mais gostaram e são estas que resultaram no CD.

Algum conselho para quem estiver a ler isto e a passar por uma situação semelhante à tua?

Liguem-me! Mandem-me um *e-mail*. Vou beber café com elas. Não estou a brincar, podes publicar! Gosto muito de ajudar... Aliás, é o que faço na minha escola, na Act...

Ainda continuas a trabalhar como casting director?

Sim, sim! Acabei de fazer um filme do meu pai [António-Pedro Vasconcelos] que estreia em novembro e que se chama ‘Amor Impossível’, vou fazer o filme do Luís Galvão Teles com argumento do Nuno Markl. Continuo, mas já não com um volume que dê para pagar a renda... A minha escola também me ajudou muito a ultrapassar isto tudo. O facto de ter uma escola de atores há 15 anos e poder ver miúdos entusiasmados e felizes a começarem uma carreira foi uma coisa que me deu muita força.

www.castingpatriciavasconcelos.com pvnontheweb@gmail.com ●